

HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA: ONDE ESTÃO AS MULHERES?

Madalena Pereira¹, Carolina dos Santos¹, Mariana Rebelo Soares¹

¹Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa



INTRODUÇÃO

Desde meados do século XIX que está descrita a presença de mulheres psiquiatras, inicialmente impossibilitadas de exercerem livremente ou de serem membros das organizações profissionais até meados do século XX. Num mundo muito dominado por figuras masculinas, as primeiras gerações de mulheres psiquiatras tiveram que navegar águas desconhecidas até então, muitas vezes sem outras figuras ou mentoras a quem recorrer, tanto no âmbito clínico, como nos avanços na investigação científica ou no trabalho académico. Acrescendo aos vários desafios que a própria profissão acarreta, as principais dificuldades vividas por estas mulheres pioneiras prendiam-se essencialmente com a posição socioeconómica da mulher, nomeadamente a constante pressão para que o seu papel de destaque fosse o de mãe, dona de casa ou cuidadora. Como consequência, muitas destas mulheres encontraram múltiplas barreiras à progressão das suas carreiras, mais lenta ou com menores oportunidades clínicas, académicas ou científicas. Tentamos assim destacar algumas das muitas figuras femininas que ultrapassaram corajosamente estes obstáculos e cujas contribuições definiram rumo da psiquiatria como a conhecemos hoje.

A PRIMEIRA VAGA E A ERA DA PSICANÁLISE

Com a progressiva queda da psiquiatria de cariz asilar e o surgimento em força da era da psicanálise, que teve como seu expoente máximo figuras como Sigmund Freud, surgem também algumas figuras femininas de destaque, nesta que foi uma das grandes revoluções na história da psiquiatria. De igual mérito neste campo podemos falar da própria filha de Sigmund Freud, **Anna Freud**, e também **Melanie Klein**, ambas psicanalistas marcantes nesta primeira metade do século XX, pelos seus contributos com base na teoria psicanalítica freudiana, mas com rumos bastante opostos e com conhecidas discordâncias entre ambas (Fig. 1).

Alicerçada na corrente defendida por Melanie Klein, destaca-se também a psiquiatra alemã **Karen Horney** (1885–1952), figura extremamente controversa diante dos seus pares. Considerada por muitos como psicanalista feminista, defendia que as “neuroses” femininas eram sobretudo um produto da posição da mulher na sociedade e não um problema do desenvolvimento psicológico. Karen Horney faz-se também acompanhar nesta visão feminista por **Helene Deutsch** (1884–1982), psiquiatra polaca, celebrada por aplicar alguns conceitos psicanalíticos às vidas das mulheres, através da exploração do ciclo de vida da mulher.

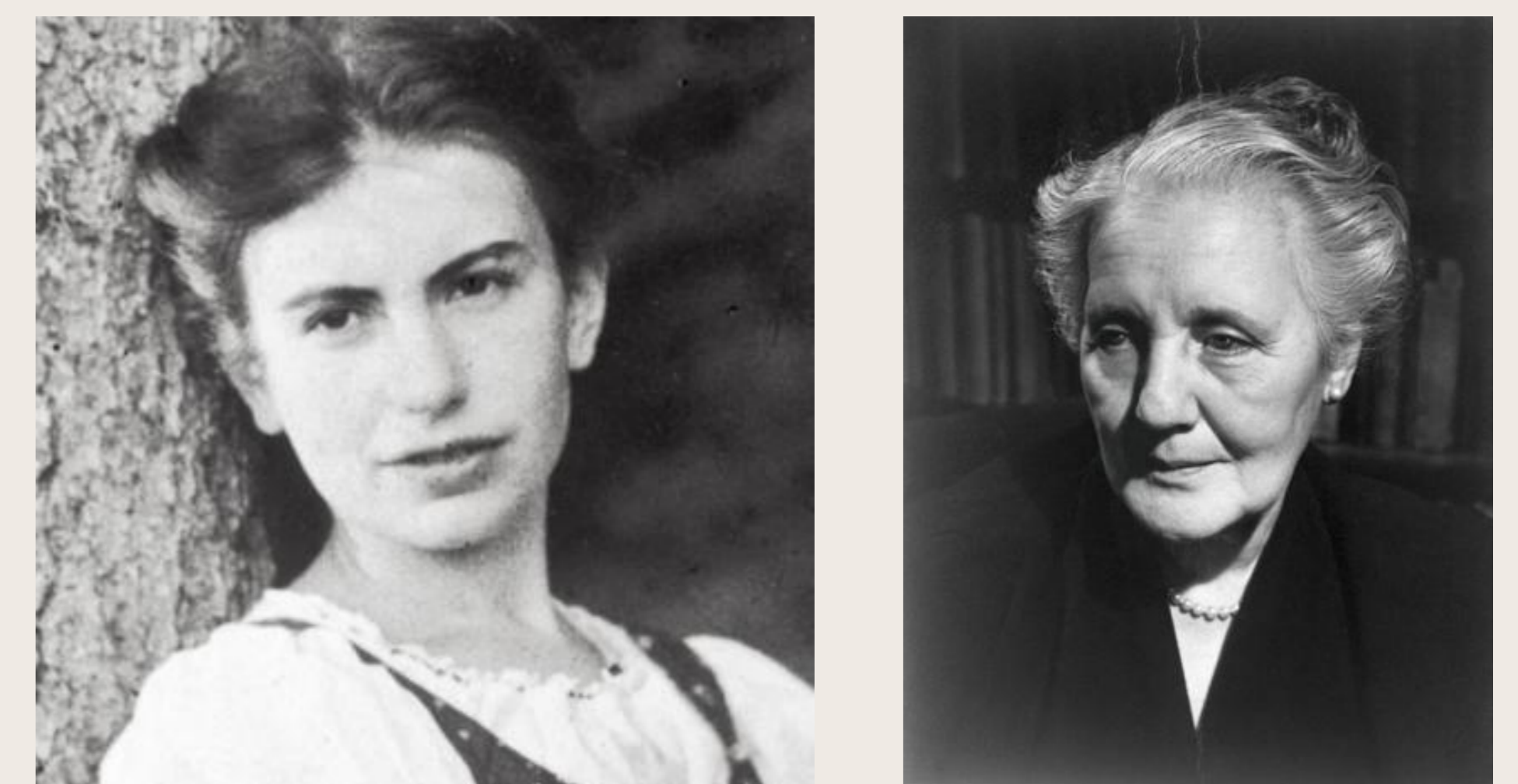


Figura 1. **Anna Freud** (à esquerda, 1895–1982) defendia aspectos mais teóricos das teorias freudianas, com a criação de um modelo de psicanálise alternativo de aplicação exclusiva às particularidades da criança. Por outro lado, **Melanie Klein** (à direita, 1882–1960) defendia a aplicação mais prática na criança das teorias de associação livre utilizadas na análise de adultos, como extensão natural da teoria psicanalítica.

UM NOVO PARADIGMA: A ERA DA PSIQUIATRIA BIOLÓGICA

A segunda revolução iniciou-se no final dos anos 50, prolongando-se até aos anos 70 do século XX. Verificou-se nesta altura um aumento drástico no número de mulheres a ingressarem na carreira médica, em particular na psiquiatria, que exigiam melhores condições de trabalho e mais oportunidades para as psiquiatras, quer na clínica como na investigação, luta esta que se mantém até aos dias de hoje. Com as constantes mudanças nas classificações do DSM durante estas décadas e a explosão de novas categorias diagnósticas e terapêuticas emergentes, surge uma viragem para uma psiquiatria mais biológica, em contracorrente com a visão psicanalítica que ainda imperava.

Uma das figuras mais incontornáveis desta era é a psiquiatra norte-americana **Barbara Fish**, pioneira pelos seus estudos nas fases iniciais da esquizofrenia (Fig. 2). Ainda no âmbito da esquizofrenia, outra figura fundamental, e ainda presente no nosso tempo, é **Eve Johnstone** (1944-) pelo seu trabalho pioneiro em 1976 na determinação de alterações estruturais na esquizofrenia através de tomografia computadorizada.

No que toca a avanços na psicofarmacologia podemos também destacar algumas figuras como **Marie Asberg**, psiquiatra sueca (1938-), pelo seu trabalho na relação entre os níveis de neurotransmissores e a perturbação depressiva. É no entanto, mais conhecida pela escala de sintomas depressivos com o seu nome, publicada em 1979, denominada *Montgomery-Asberg Rating Scale for Depression* (MADRS).



Figura 2. **Fish** (à direita, 1920–2016), que teve como mentora **Laurretta Bender** (à esquerda, 1897–1987), foi diretora do departamento de Psiquiatria da Infância do Hospital de Bellevue em Nova Iorque, mais conhecida pelo seu trabalho com filhos de mães com esquizofrenia, contribuindo para os primeiros estudos acerca da hipótese do neurodesenvolvimento nesta doença.

Devemos continuar a descobrir e a honrar o nome das muitas mulheres psiquiatras que pela história passaram, muitas vezes silenciadas pelos seus próprios contextos, e que desbravaram e continuarão a desbravar caminho para uma melhor psiquiatria e um melhor cuidado aos doentes.